




# 10 ANOS DE LARP

## TRAJETÓRIA E PERSPECTIVAS

Coordenadores  
Maria Isabel D'Agostino Fleming  
Vagner Carneiro Porto



<http://www.larp.mae.usp.br/>

**L.A.R.P.**  
LABORATÓRIO DE ARQUEOLOGIA  
ROMANA PROVINCIAL

# 10 Anos de LARP: Trajetória e Perspectivas

## Coordenação

Maria Isabel D'Agostino Fleming

Vagner Carnevalheiro Porto

São Paulo

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

10 anos de LARP : trajetórias e perspectivas / Maria Isabel D'Agostino Fleming,  
Vagner Carvalheiro Porto, coordenadores ~ São Paulo : Museu de Arqueologia  
e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2023.

297 p.; il. color.

ISBN: 9786599306273

DOI: 10.11606/9786599306273

1. Arqueologia digital. 2. Arqueologia romana. 3. Cerâmica. I. Fleming, Maria  
Isabel D'Agostino. II. Porto, Vagner Carvalheiro. III. Universidade de São Paulo.  
Museu de Arqueologia e Etnologia.

---

Ficha catalográfica elaborada por Monica da Silva Amaral - CRB/8-7681

Comissão Científica: Alessandro Mortaio Gregori  
Lygia F. Rocco  
Silvana Trombetta

Capa: Lygia F. Rocco  
Foto: Beit She'an, Israel. Autoria: Lygia F. Rocco  
Diagramação: José Luiz de Magalhães Castro Neto

## Sumário

### 1 Apresentação

#### ***Primeira Parte***

5 Maria Isabel D'Agostino Fleming  
10 Anos de LARP - sua Trajetória em dois Grandes Ciclos

17 Vagner Carvalheiro Porto  
Laboratório de Arqueologia Romana Provincial (LARP): Perspectivas consolidadas, horizontes alvissareiros

27 Pedro Paulo A. Funari  
LARP-USP, 10 anos: perspectivas inovadoras sobre o mundo romano, a serviço de estudiosos e do público

#### ***Paisagem - Território - Urbanismo***

37 Claudia Ribeiro Campos Gradim  
Os Banhos Herodianos: precursores dos banhos romanos na Palestina

45 Gabriela R. Marques de Oliveira  
Tel Dor, decadência ou ascensão? A trajetória de uma cidade Sírio-Palestina no mundo romano

#### ***Humanidades Digitais***

57 Kelly Gillikin Schoueri  
Rome is where the *aedes* is. Simulating Roman military identity and loyalty in locations of transition

71 Marcio Teixeira-Bastos  
Arqueologia Digital, Humanidades Digitais e Arqueometria nos Estudos do Oriente Médio Romano e Bizantino

119 Guilherme Diogo Rodrigues  
Jessica Silva Mendes  
Cleberson Henrique de Moura  
Ana de Carvalho Rigolon  
Digitalizando a arqueologia com *Reflectance Transformation Imaging (RTI)* no LARP

#### ***Numismática***

135 Tais Pagoto Bélo  
Lívia: entre moedas e a “institucionalização” da mulher romana

147 Gladys Mary Santos Sales  
Estruturas de poder e memória monumental observadas nas moedas de Jerusalém/Aelia Capitolina no século II EC

## **Educação**

- 161 Alessandro Mortaio Gregori  
Os projetos digitais do LARP e sua interface educativa: Dez anos de interação entre a universidade e o ensino básico
- 173 Raquel dos Santos Funari  
O acervo egípcio a serviço da educação

## **Acervos**

- 187 Cássio de Araújo Duarte  
Sobre caixões e sarcófagos
- 209 Jessica Silva Mendes  
A coleção egípcia do MAB-UNASP e suas réplicas
- 221 Marjori Pacheco Dias  
Diego Lemos Ribeiro  
Política de Descarte: uma Ferramenta de Gestão?

## **Cerâmica**

- 235 Leandro Hecko  
Arqueologia e História e Cultura da Alimentação no mundo grego antigo  
- entre a documentação escrita e a cultura material
- 257 Matheus Morais Cruz  
*Vetera I e Colonia Ulpia Traiana* - algumas reflexões sobre a presença romana no *limes germanicus*
- 275 Sérgio Aguiar Montalvão  
Uma atualização do mapeamento dos achados de Estatuetas Pilares de Judá (EPJs) dos Sítios Arqueológicos de Israel - Observações e Resultados sobre a Pesquisa
- 289 Gabriel Arriel Pedrozo  
*Fictile et Urbs*: um estudo da Cerâmica Campânica e suas interações em Carthago Nova

# Os Banhos Herodianos: precursores dos banhos romanos na Palestina

Claudia Ribeiro Campos Gradim<sup>1</sup>

## 1. Introdução

A expansão imperialista romana se notabilizou por seu forte caráter multicultural, resultado do amálgama étnico, social, religioso e cultural, ou emaranhamento, segundo o conceito de Stockhammer (2012), ocorrido nos territórios conquistados. Dentre os diversos elementos trazidos pelos conquistadores, e ainda visíveis nos antigos territórios dois milênios depois, estão os edifícios balneários.

As casas de banho têm especial interesse para as pesquisas que se debruçam sobre as práticas em que os contatos culturais materializaram encontros e recombinações entre tradições etnicamente distintas e por vezes antagônicas, resultando em novos arranjos marcados por manutenções e adaptações locais. Assim como os fóruns, os mercados e as basílicas, os banhos romanos formaram parte indissociável da paisagem sobretudo urbana nas províncias, e em cada uma delas assumiram feições locais próprias e únicas, e a Palestina romana não foi exceção (Fig. 1).

Banhos públicos romanos estiveram no centro da vida e das práticas sociais desde os primórdios do Império, em toda a extensão de seu território



Fig. 1. Mapa da Judeia, Síria-Palestina, Arábia Ocidental do século I ao Século III EC. Fonte: adaptado de Millar, 2001:570.

(1) Doutoranda em Arqueologia pelo PPGArq do MAE-USP; pesquisadora associada do LARP.  
Email: <claudia.gradim1963@gmail.com>.

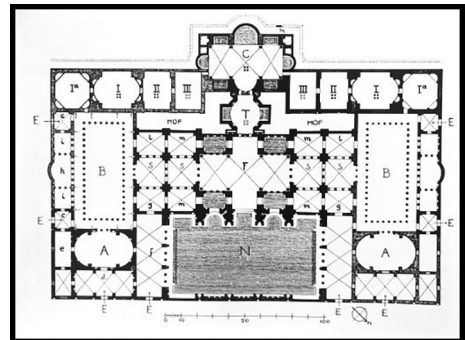
constantemente expandido, e perduraram durante um longo período de mais de seis séculos. Evidentemente, tal variação temporal e espacial implicou em grande variabilidade nos edifícios encontrados, mas é possível distinguir um núcleo mínimo de aposentos e atividades em um banho romano canônico, que se distinguia fundamentalmente pela presença de seu sistema de aquecimento subterrâneo, chamado hipocausto, e de uma sequência ordenada de salas, que recebiam de forma graduada o calor por ele gerado.

Assim, tendo ele deixado suas roupas e seus pertences no apoditério (vestíbulo), o primeiro ambiente encontrado pelo banhista seria o frigidário (sala fria), seguido do tepidário (sala morna), e a mais quente, o caldário. Poderia ele, além dessas, encontrar salas de “sauna” seca (lacônico) ou a vapor (sudatório). Tanto nas partes frias quanto nas aquecidas, dispõe de piscinas de maior ou menor tamanho, frias ou quentes, a depender do ambiente.

Todos esses elementos poderiam ser combinados e acrescidos de outros, atingindo seu ápice de complexidade e luxo nas termas imperiais de Roma dos séculos II a IV EC caracterizadas por sua monumentalidade e simetria. Em edifícios deste tipo podemos encontrar, além dos ambientes mencionados, grandes piscinas descobertas (*natatio/nes*), bibliotecas, salas de massagem, auditórios, jardins e passeios, além de todas as salas de serviço. Na metrópole romana, esta forma se materializou nas Termas de Caracala (aprox. 200-220 EC) e de Diocleciano, datadas da virada terceiro para o quarto século da nossa era (Figs. 2a e 2b).

## 2. Introdução dos primeiros banhos romanos na Palestina

As práticas balneárias na Palestina entre os séculos I AEC e IV EC integraram elementos oriundos de três culturas com fortes características tradicionalmente aceitas e praticadas, em proporções desiguais, é verdade, e com



**Fig. 2a.** Termas de Diocleciano, Roma, Séc. III/IVEC; Reconstituição do frigidário e *natatio*. Fonte: Yegül, 1992: 16. **Fig. 2b.** Termas de Diocleciano, Roma, Séc. III/IVEC; Planta. Fonte: Yegül, 1992: 165.

variações no tempo e no espaço, configurando um conjunto original daquela região e época. Após a introdução do banho romano, práticas remanescentes de formas de banho helenísticas, ainda que em frequência menor do que em outras partes do mundo helenístico, ainda eram praticadas, ao menos inicialmente (Hoss, 2005, 2012). Isto ocorria lado a lado com as necessidades quotidianas impostas pela obrigação de rituais de purificação inerentes ao judaísmo, realizados em equipamento próprio, suas banheiras de purificação, as *miqva'ot* (sing. *miqveh*),<sup>2</sup> condicionadas outrossim a um sistema de alimentação de água ele mesmo prescrito pelas normas fixas perpetuadas pela tradição e descritas nas fontes rabínicas, notadamente a Mishnah, complementada pela Tosefta, o Talmude (em suas duas versões, o de Jerusalém e o Babilônico), e as normas da Halakha.<sup>3</sup> Temos assim um processo de adaptação com manutenção, adoção e rejeição seletiva de feições e de práticas que é necessário compreender melhor.

Nomeado pelo Senado romano rei da Judeia em 40 AEC, Herodes empreendeu um extenso programa construtivo que perdurou até sua morte, em torno do ano 4 AEC. Consistia entre outras coisas da construção de residências e fortalezas palacianas, que de maneira inovadora incorporaram elementos das práticas romanas. O primeiro banho de tipo romano (conceito, modelo, planta arquitetônica, material construtivo) encontrado nesta região foi trazido por ele após sua estada em Roma, tendo sido construído em seus palácios e sob suas ordens, à imagem e semelhança de um tipo de edifício até então inteiramente desconhecido naquelas paragens. Tão canônico e tão seguro em sua datação que serviu inclusive para datar outros banhos itálicos, com datação mais problemática (Netzer, 1999). Outros do mesmo tipo se seguiram, sempre por iniciativa herodiana, em seus palácios e fortalezas, ou em residências de nobres ligados à sua dinastia, ao longo dos séculos I AEC/I EC. Caracterizou-se um claro uso privado dessas instalações, ou no máximo bastante restrito a uma pequena elite, em marcado contraste com aquela que é afinal a característica mais evidente dos banhos romanos: sua prática pública.

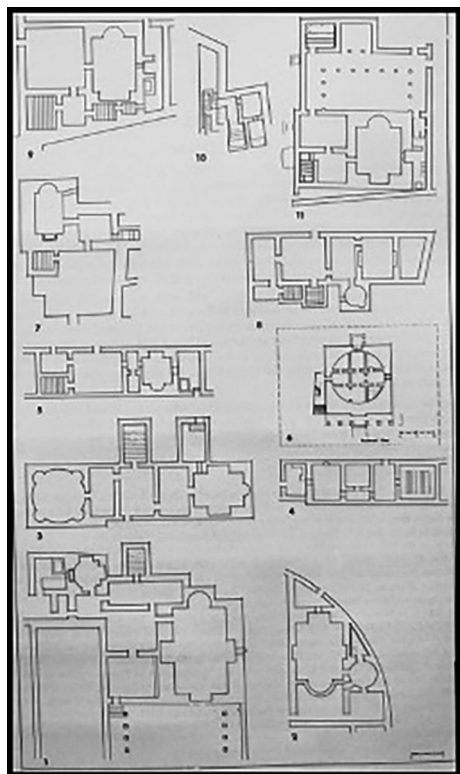
Desta forma, a implantação das práticas balneárias nesta região deu-se de maneira única, sob a iniciativa de seu governante, e assim se mantendo por mais de um século, e durante este período não se tem notícia de um só balneário aberto ao público em geral, hábito àquela altura maciçamente generalizado nas outras províncias e regiões do Império (Netzer, 1999; Hoss, 2005; Kowalewska, 2021). Depois do século herodiano marcado por um verdadeiro *boom* construtivo, temos um aparente

(2) A grafia varia conforme o autor e o idioma em que escreve. Usamos esta forma por ser a mais frequente.

(3) Estes termos designam as obras mais relevantes da chamada literatura rabínica.

hiato que durou até aproximadamente o ano 180 EC. As explicações que dão conta deste fato o justificam basicamente pelas revoltas internas (e.g. Kamash, 2012), pela urbanização tardia da região, da qual dependia o pleno funcionamento das termas (Hoss, 2005), e por um deslocamento, também posterior, das funções sociais e políticas exercidas pelo/no fórum (Kamash, 2012) ou nos mercados e ruas (Hoss, 2005), para os banhos como *locus* preferencial, o que teria retardado a aceitação cultural desta instituição.

Os esforços construtivos de Herodes e sua descendência legaram ao registro arqueológico um conjunto de onze banhos distribuídos por palácios e fortalezas, que compartilham características comuns da tipologia romana, como técnicas (nesta época ainda incipientes), materiais construtivos e decorativos – Herodes introduziu o mármore de Carrara na Palestina (Fischer, 2019) – e arquitetônicas. A forma romana de se banhar era desconhecida, e adotá-la significava criar novos edifícios adequados a esta prática. Estes edifícios conservariam, contudo, feições típicas dos hábitos judaicos, e isso se conserva por todo o período posterior. Não há neste conjunto duas plantas iguais, por razões que vão desde a conveniência prática até as limitações do terreno, como veremos a seguir (Fig. 3).



1. Heródio – Palácio inferior, Banhos Principais
2. Heródio – Banhos do Palácio -fortaleza
3. Jericó – Banhos Principais do Terceiro Palácio de Inverno
4. Jericó – Banhos do Segundo Palácio de Inverno
5. Jericó – Banhos do Primeiro Palácio de Inverno
6. Jericó – Banhos secundários do Terceiro Palácio de Inverno
7. Cypros – Banhos superiores
8. Cypros – Banhos inferiores
9. Maquero – Banhos Superiores
10. Masada – Palácio Norte, Banhos do terraço inferior
11. Masada – Banhos principais do Palácio Norte

Fig. 3: Banhos herodianos – Plantas. Fonte: Netzer, 1999: 46.

### 3. Os banhos herodianos

Heródio (Herodium/Herodion) é um complexo situado a aproximadamente 12 km de Jerusalém, construído por Herodes para funcionar como sua capital distrital, compreendendo um palácio de verão, nos níveis mais baixos da colina, e uma fortaleza palacial, construída em seu topo. Aí foram encontrados dois edifícios balneários principais (1 e 2 na Fig.3), um em cada palácio, além de duas pequenas instalações domésticas de banhos ao estilo romano que serviam a seus oficiais (Netzer, 1999).

Ao sul da cidade de Jericó se situa um conjunto de palácios de inverno desde a época dos reis Hasmoneus, da dinastia que precedeu Herodes, e este construiu aí mais três (3, 4, 5 e 6 na Fig. 3).

Cypros (ou Kypros) faz parte de uma série de fortalezas ou palácios fortificados no deserto, tradição também iniciada pelos Hasmoneus, que foram posteriormente reconstruídos por Herodes.

Maquero (Machaerus) é um forte no deserto junto ao Mar Morto, e está situado nas partes alta e baixa de uma colina íngreme e amuralhada. Estima-se que a sua parte inferior tenha sido ocupada por soldados e habitantes da localidade.

Masada é uma fortaleza que se localiza a Oeste do Mar Morto sobre um enorme rochedo dotado de um topo plano. As construções se distribuem por várias alas e conheceram três fases distintas sob Herodes.

### 4. Romanos ou locais? Romanos e locais

Para além do caráter grandioso e verdadeiramente maciço do impulso construtivo sob Herodes, que de resto não se restringiu a palácios e fortalezas, chama a atenção a maneira como elementos provenientes de culturas distintas se combinavam em suas obras. Seus complexos balneários agregavam a tecnologia e as práticas romanas, por exemplo o aquecimento por hipocausto dos aposentos, facilmente detectável arqueologicamente. Esta feição aliás, que se conserva quase sempre bem, é o que nos permite com segurança classificar tipologicamente como romano um determinado banho (Fig. 4).

Podemos acrescentar o exemplo das técnicas construtivas para melhor ilustrar o que estamos querendo demonstrar. Enquanto na península Itálica o tijolo era o mais utilizado em construções desse tipo, na Palestina houve marcada preferência pela construção em pedra, sobretudo com a técnica de *ashlar*.<sup>4</sup> Mas as plantas seguiam o padrão romano, e há evidências de que

(4) Técnica de alvenaria que usa pedras retangulares ou trapezoidais colocadas na horizontal em fileiras mais ou menos regulares.

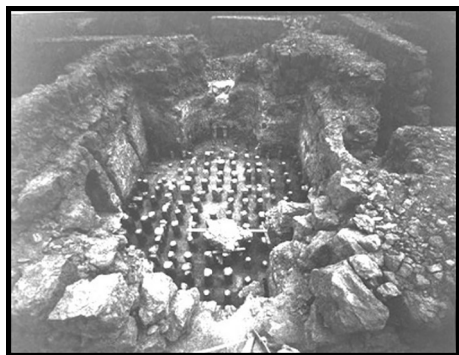


Fig. 4. Masada, hipocausto dos banhos principais. Fonte: Netzer, 1999: 51.

reconhecê-lo. É o caso de duas belas banheiras feitas de um tipo de calcita-alabastro encontradas nos banhos da fortaleza de Cyprus e em Heródio. Devido à qualidade superior da pedra, durante muito tempo se acreditava que teria sido extraída no Egito, cujas pedreiras gozavam de melhor reputação, resultando que objetos de prestígio confeccionados com esse tipo de material fossem automaticamente classificados como importações. Entretanto, um estudo recente conduzido pela Universidade Bar-Ilan e pela Universidade Hebraica de Israel comprovou que a pedra é de procedência local, e ao que tudo parece indicar, também sua manufatura.

Contudo, ainda que aparentemente predominem as feições romanas, os banhos herodianos incorporam o típico elemento de banho judaico - a *miqveh* (pl. *miqva'ot*). Trata-se, como mencionamos acima, de uma banheira de imersão individual destinada à purificação ritual, normalmente dotada de degraus e de alguma forma de alimentação e armazenamento separados, pois também eles obedecem a preceitos rabínicos que deviam ser observados (Figs. 6 e 7). Já eram repertoriadas no período

foram trazidos de Roma arquitetos e artesãos para executar algumas tarefas. Outro exemplo é o emprego de *opus reticulatum*,<sup>5</sup> tipicamente romano, que aqui vemos nas paredes do provável lacônico do Terceiro Palácio de Inverno de Jericó (Fig. 5).

É interessante contudo observar que também o talento local foi valorizado, embora às vezes as explicações arqueológicas tenham se equivocado por décadas, falhando em

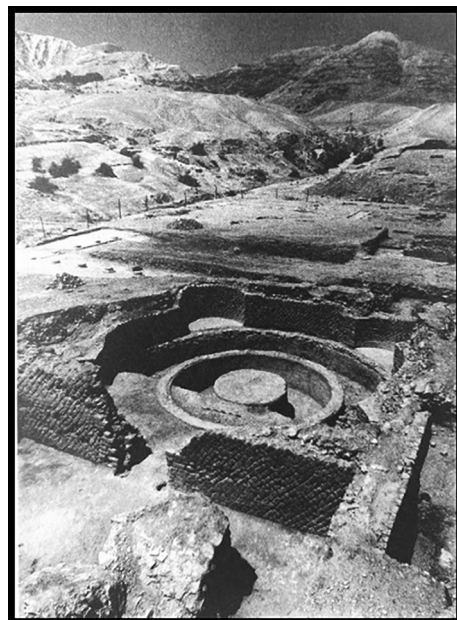


Fig. 5. Provável lacônico, Banhos Principais do Terceiro Palácio de Inverno de Jericó. Fonte: Netzer, 1999: 52.

(5) Técnica de alvenaria romana que usa um revestimento de tijolos de tufo em forma de diamante formando uma espécie de “rede”, donde seu nome.

Hasmoneu como parte da tradição judaica da grande parcela desta população presente na região da Judeia. *Stepped pools*, como usualmente são referidas em bibliografia, são uma constante nos edifícios balneários da região, e somente nela, não sendo encontrados em nenhuma outra (Bonnie, 2016).

Configuram uma especificidade local que perdurou nos séculos que se seguiram a este primeiro movimento de implantação das práticas balneárias romanas por Herodes, e são encontradas com regularidade em banhos do período romano tardio (Hoss, 2005, Fischer, 2019). Estamos, pois, diante de um caso de emaranhamento conforme conceituado por Stockhammer, onde de fato duas culturas com características distintas se encontram, se percebem como diferentes e forjam um processo de incorporação e transformação de objetos e práticas culturais pertencentes ao “outro”.

Atestamos assim que desde o início de sua implantação na região da Palestina, as práticas balneárias da era herodiana combinaram, *lado a lado e num mesmo ambiente*, duas formas inteiramente diversas de se banhar, atendendo a necessidades distintas: o banho ritual judaico nada tem a ver com o banho de higiene e relaxamento praticado pelos romanos, mas ambas as formas compar-

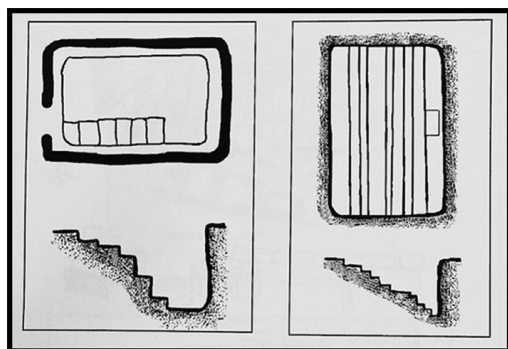


Fig. 6. Tipos de Miqva'ot construídas em aposento próprio. Fonte: Hoss, 2005, catálogo, s/n.



Fig. 7. Miqveh e cisterna própria, Terceiro Palácio de Inverno, Jericó. Fonte: Adaptado de Kowalewska, 2021: 52.

tilham as necessidades práticas de abastecimento, armazenamento e escoamento de água, de impermeabilização de pisos e paredes, e de uma certa atitude de aceitação por parte dos frequentadores (Tal, 2015).

Embora as fontes tanto arqueológicas quanto escritas atestem a convivência dentro dos banhos tanto de judeus devotos quanto de gentios de todas as extrações, não foi por

certo um processo de todo harmônico. As objeções daqueles quanto às questões de impureza, imodéstia e idolatria, presentes na atividade balneária tal como concebida pelos romanos teriam sido inclusive uma das razões para sua aceitação plena

tardia. A presença de uma *miqveh* dentro de um banho romano – ocorrência que se tornou padrão na região – seria uma acomodação mútua em face de diferenças que afinal não se comprovaram irreconciliáveis.

## Referências bibliográficas

BONNIE, R.

Studying Stepped Pools and Jewish Water Rituals in Galilee, Northern Israel. In: *Fossa*, Vol. 51, No. 2-3, p. 17-25, 2016.

DVORJETSKI, E.

Social and cultural aspects of medicinal Roman baths in Israel according to Rabbinic sources. In: DELAINE, J.; JOHNSTON, D. E. (Eds.) *Roman Baths and Bathing*. Bath, *JRA*, suppl. 37, 1999, p. 117-129.

FISCHER, M.

Greek and Roman impact in the Southern Levant: the architectural and artistic response. Marble as a cultural factor. In: *Hélade*, Vol. 5, n. 3, 2019, p. 13-44.

KAMASH, Z.

An exploration of the relationship between shifting power, changing behaviour and new water technologies in the Roman Near East. *Water Hist*, 2012, p. 4:79-93.

KOWALEWSKA, A.

*Bathhouses in Judaea/Syria-Palaestina and Provincia Arabia from Herod the Great to the Umayyads*. Oxford e Filadélfia: Oxbow, 2021.

MILLAR, F.

*The Roman Near East 31 BC – AD 337*. Cambridge, Mass, Harvard University Press, 2001.

NETZER, E.

Herodian bathhouses. In: DELAINE, J.; JOHNSTON, D. E. (Eds.) *Roman Baths and Bathing*. Bath, *JRA*, suppl. 37, 1999, p. 45-55.

STOCKHAMMER, P.

Questioning hybridity. In: *Conceptualizing Cultural Hybridization: a transdisciplinary approach*. Heidelberg: Springer, 2012.

TAL, I.

Since when do women go to Miqveh? Archaeological and Rabbinic Evidence. In: GELLER, M. (Ed.) *The Archaeology and Material Culture of the Babylonian Talmud*, Leiden, The Netherlands: Brill, 2015, p. 83-96.

YEGÜL, F.

*Baths and Bathing in Classical Antiquity*, Cambridge/Mass.: The MIT Press, 1992.